



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE -
FAEMA**

RAYZA ROCHA RODRIGUES

**FUTEBOL FEMININO: APONTAMENTOS SOBRE O
PRECONCEITO**

Ariquemes - RO

2015

RAYZA ROCHA RODRIGUES

**FUTEBOL FEMININO: APONTAMENTOS SOBRE O
PRECONCEITO**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Educação Física, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof.Ms. Daniel Medeiros Alves.

Ariquemes - RO

2015

RAYZA ROCHA RODRIGUES

**FUTEBOL FEMININO: APONTAMENTOS SOBRE O
PRECONCEITO**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ms. Daniel Medeiros Alves
Faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA

Prof. Ms. Ricardo Santos Canto
Faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA

Prof. Ms. Ana Claudia Petrini
Faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA

Ariquemes, 13 de Junho de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus queridos pais,
que estiveram presentes nesta jornada e a minha
família e amigos pela compreensão nos
momentos de ausência.

AGRADECIMENTOS

Ao único digno de toda honra glória e louvor. O Deus que eu sirvo por me fortalecer ao longo dessa jornada.

A instituição de ensino FAEMA.

Agradeço imensamente aos professores por me capacitar e transmitir o seus conhecimentos para que eu seja uma profissional preparada.

Agradeço aos meus queridos pais que me proporcionaram a chance dessa graduação me dando forças todos os dias para que os problemas não me abatessem.

Aos meus irmãos que sempre me incentivaram.

Aos meus amigos da turma pelo companheirismo e apoio constante.

E a todos que direta ou indiretamente contribuirão na minha formação meu muito obrigado.

EPÍGRAFE

*A grande conquista é o resultado de pequenas vitórias que
passam despercebidas.*

Paulo Coelho

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o preconceito relacionado ao Futebol Feminino. Trata-se de um estudo realizado através de revisão bibliográfica tendo como foco dissertar sobre as diversas formas de preconceitos sofrido pelo Futebol Feminino através do tempo, também traz consigo um pouco da histórias do termo, como suas origens e evolução. O trabalho busca ressaltar os benefícios do futebol feminino e a importância do professor de Educação Física como ministrador das aulas que buscam estes objetivos. Conclui-se que o preconceito sempre esteve presente, e prejudicou o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil. A falta de apoio as atletas também parece ser um limitante para o crescimento da modalidade. O professor de Educação Física, tem um papel fundamental no sentido de promover, a prática, incentivando as alunas, e desenvolvendo valores que possibilitem a diminuição do preconceito.

Palavras Chave: Futebol feminino; Preconceito; Machismo no futebol

ABSTRACT

This study aims to analyze the prejudice related to Football Feminino. It is a study through a bibliographic review having as lecture focus on the various forms of prejudice suffered by the Women's Football through time, also brings with it some of the stories of the term, as its origins and evolution. The paper aims to highlight the benefits of women's football and the importance of physical education teacher as ministering classes seeking these goals. That prejudice always up concludes attended, and hindered the development of women's football in Brazil. The lack of support the athletes also seem to be a limiting factor for the growth of the sport. The physical education teacher, has a key role to promote the practice, encouraging the students, and developing values that enable the reduction of prejudice.

Keywords: Women's football; prejudice; Sexism in football

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS.....	12
2.1 Objetivo Geral.....	12
2.2 Objetivos Específicos.....	12
3. METODOLOGIA.....	13
4. REVISÃO DE LITERATURA	13
4.1 Historia do Futebol Feminino no Brasil	13
4.2 O Preconceito no Futebol Feminino.....	16
CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte praticado tanto por homens quanto por mulheres. Apesar de haver um número superior de homens, as mulheres têm mostrado bastante interesse em jogá-lo. No entanto, faz-se presente o preconceito com relação a prática deste esporte pelas mulheres. Com este preconceito existente, nos colocamos a questionar: quais os motivos que levam as pessoas a não aceitarem o futebol feminino?

No Brasil, este esporte chegou até ser proibido durante a ditadura, fato este que demonstra o preconceito quanto ao futebol feminino não é de hoje. Porém na atualidade se percebe uma aceitação bem maior por parte dos professores de educação física, onde que, quando iam jogar nas quadras só colocavam para jogar os meninos (DAOLIO, 1997).

Durante a ditadura militar o preconceito quanto a mulher era tão exagerado que o conselho nacional de desporto, em 1964 delibera que as entidades desportivas devem seguir a seguinte norma em relação a prática esportiva das mulheres: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e beisebol” (MOURÃO & MOREL, 2005).

Naquela época as mulheres já gostavam de futebol e queriam montar equipes como os homens, mas eram proibidas porque diziam que as mulheres não podiam levar uma bolada na região abdominal, pois isso poderia levar a mulher não engravidar. Em 1981 aconteceu a legalização do futebol feminino pelo Conselho Nacional de Desportos, mas as mulheres foram impedidas, no entanto, de se profissionalizarem (SALLES, SILVA E COSTA, 1998).

Entretanto somente em 1988 que a CBF convocou pela primeira vez a seleção feminina de futebol. Na época havia poucos times de expresso nacional. No decorrer da monografia novos fatos e informações acerca do preconceito no futebol feminino irão surgindo para comparar a situação de hoje com a do passado (CASTELLANI, 1998).

Outro ponto de destaque que iremos abordar é a questão da disciplina de educação física que vem tentando quebrar esses estereótipos machistas de que futebol é coisa somente para homem. É importante relatar que as mudanças ocorridas no âmbito da educação física, nos últimos anos, têm contribuído para ampliar o conhecimento da disciplina que passou a abranger uma diversidade de campos ou áreas do conhecimento. É fundamental que as instituições de ensino releve o papel do professor de educação física, porque ele assim, como os demais profissionais são um elo que liga a cidadania e o respeito mutuo de todos na sociedade.

Para melhor compreensão e aceitação com o futebol feminino, os professores constituem parte fundamental. Através de aulas abordadas teóricas, os professores poderão como método quebrar este paradigma, passando vídeos para os alunos, abordando como se deu a inserção das mulheres no futebol.

É comum ao abordar o esporte “futebol” em sala de aula, os professores passarem os processos históricos, centralizando na figura masculina, citando o criador, principais atletas masculinas, voltando o esporte para a prática comum de homens e não mulheres.

O futebol feminino tem no país uma trajetória significativa com referencias desde o inicio do nosso futebol (CASTELLANI, 1998).No entanto, a imprensa e a literatura futebolística não abriu espaço para o futebol feminino. Apenas o futebol masculino tem aparecido no centro das discussões e na imprensa. Na verdade o que se percebe é que ao longo da história do futebol, as mulheres aparecem meio que complemento da paisagem, ou seja, certo tipo de acessório do futebol. E toda essa situação gera um descontentamento e distância entre o futebol masculino e feminino.

O inicio da prática de futebol feminino no Brasil começou com muitas dificuldades, porém, algumas permanecem até nos dias atuais. As mulheres sempre tiveram dificuldades em se impor quando o assunto trata de igualdade gênero, pois historicamente elas sempre foram vistas como um ser frágil, e dependente e discriminada. Apesar da influência que o futebol tem na cultura brasileira, a figura da mulher se apresenta de forma tímida e oprimida, como exemplifica o Decreto-Lei nº 3.199 de 1941, vigente até 1975, que para as mulheres proibia a prática de futebol.

Quando as mulheres resolveram ir à luta, ou seja, brigar por igualdade, este esporte já estava bem enraizado pela sociedade machista e se encontrava em fase que o profissionalismo já havia sido feito. No entanto, o futebol era visto como um esporte praticamente masculino. Futebol é coisa para homem devido à postura que os atletas deveriam assumir. Hoje em dia ainda se encontra muitas dificuldades nesta área, no entanto, houve avanços significativos.

Reconhecemos que a profissionalização no Brasil ainda é difícil, não há hoje uma entidade forte que organize o futebol feminino e também não há investimentos para este feito. Neste estudo queremos enfatizar que desde o começo o futebol feminino tem sofrido muitos preconceitos. Ainda hoje é muito difícil para esse esporte se firmar.

Por muito tempo, a questão do sexo tem sido usada para impedir a participação feminina nesse esporte. De modo geral podemos dizer também que a mídia tem parte de culpa, pois uma vez que não tem dado importância a atletas feminina, quanto no masculino, é quando abre exceção, acaba enfocando a beleza da mulher e não o esporte em si.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Compreender através dos processos históricos e atuais, a dimensão do futebol feminino no contexto desportivo nacional.

2.2 Objetivos Específicos

- Descrever os processos históricos do futebol no Brasil e do futebol feminino e do futebol feminino, e apresentar como se deu o seu crescimento ao longo dos anos.
- Identificar a influência do preconceito sobre a prática do futebol feminino e suas consequências para o desenvolvimento do esporte no Brasil.

- Destacar a escola como espaço para a diminuição da discriminação do futebol feminino.

3. METODOLOGIA

O presente estudo utilizou o método de revisão bibliográfica, através de livros, artigos científicos e artigos jornalísticos, que tratassem sobre o tema futebol feminino, preconceito e historia do futebol no Brasil. Foi feito uma análise qualitativa de conteúdo, procurando identificar os principais fatos relacionados a presença do preconceito presente no futebol feminino através da história.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Historia do Futebol Feminino no Brasil

O futebol feminino no Brasil começou com muitas dificuldades, no entanto, este comportamento não mudou muito até os dias atuais. As mulheres sempre tiveram dificuldades em se impor quando o assunto trata da igualdade entre os gêneros, pois historicamente foram vistas como um ser frágil e dependente, com poucas oportunidades para provar o contrário (DARIDO, 1999).

A história do futebol feminino no Brasil foi construída com muitas dificuldades, apesar da influência significativa que o futebol apresenta na cultura brasileira, a figura da mulher se apresenta de forma tímida e oprimida, como comprova o Decreto Lei 3.199 de 1941, vigente até 1975, que para as mulheres buscarem seus direitos proibia a prática de futebol.

Quando as mulheres buscaram seus direitos por igualdade e se juntaram ao futebol, este esporte já estava enraizado pela sociedade machista daquele tempo, e se encontra em uma fase que o profissionalismo já havia sido aceito. Entretanto, o futebol era visto como um esporte especificamente masculino, “futebol é coisa para homem”, devido á postura que os atletas assumir. Segundo Flores a regra era a seguinte

O bom jogador de futebol jamais deve temer de retaliação quando agredido fisicamente; não deve fraquejar diante de uma derrota (...), deve se fazer respeitar, ainda que pela presença física, pelo juiz. A violência é legítima pela torcida, especialmente quando há iminência de gol, quando os adversários tentam levar a equipe por quem ela torce ao ridículo, pela seleção de dribles (dando olés), quando tentam fazer “passar o tempo” (cera) e quando há uma falta ou seleção de faltas violentas, o que geraria o direito do atacado revidar (FLORES, 1982, in – BRUHNS, 2000).

Quando o futebol masculino fora implantado, era um esporte exclusivamente da elite, devido os recursos financeiros que eram exigidos entre outras causas. Entretanto, com as mulheres ocorreu o inverso; o grupo feminino sempre pertenceu as classes mais pobres como é citado por Bruhns:

[...] razão pela qual as atletas apresentarem comportamentos bastante parecidos com os de seus colegas homens, recebendo julgamentos como falta de classe, mal cheiro, povo grosseiro e outras denominações atribuídas aquela camada da população duplamente marginalizada. (BRUHNS, 2000).

Todavia as relações com os jogadores masculinos eram estabelecidas de forma tensa, pois as meninas apresentavam comportamentos preconceituosos pela elite, comportamentos marginalizados, como se não bastasse o fato de serem “pobres” eram, antes disso, mulheres. Por isso os atos grosseiros que apresentavam como o de cuspir no chão, dar pontapés, brigar, cheirar mal, etc. Era visto como comportamento de uma classe social que mora na periferia, tanto do ponto de vista social como também político. Muitas das vezes pessoas da mesma camada social desqualificavam as atletas, que eram vistas como marginais pertencentes a um mundo perigoso. Outra situação preconceituosa quanto as jogadoras era que havia uma relação entre mulher e trabalho (FREITAS, 2003).

A relação é feita levando em consideração que trabalhavam apenas as mulheres de classe muito inferior, pois estas precisavam ajudar no sustento da família atuando fora de casa. Para as mulheres da classe média acima, não precisavam trabalhar, e quando trabalhavam, era apenas fazendo os serviços domésticos na própria casa, quando não apenas supervisionavam seus empregados. O preconceito com relação às mulheres era tão grande que até mesmo nos registros dos primeiros jogos há diferentes posições.

Alguns pesquisadores (SALLES, SILVA E COSTA, 1998), dizem que o início do futebol feminino no Brasil ocorreu em 1921 em São Paulo, numa disputa entre jogadores paulistas e catarinenses. No entanto, uma edição publicada no Jornal do Brasil do dia 29 de novembro de 1976 sugeria que as primeiras partidas de futebol feminino nas praias do Rio de Janeiro ocorreram no Leblon, um ano antes.

De acordo com o noticiário, os jogos eram sempre disputados no período noturno, porque grande parte das jogadoras trabalhava como empregada doméstica.

Muitos outros fatos confirmaram o preconceito com relação a mulher jogando futebol. Como o interesse feminino pela prática do esporte começava a se intensificar justamente em um momento de transição do período higienista para o eugenista, houve uma grande preocupação em permitir a mulher na prática de atividade física.

Quanto ao modo eugenista, até era permitida e recomendada alguns esportes como o vôlei, a natação e o atletismo, entre outros, desde que não houvesse contato físico e apresentassem condições higiênicas. Também as atividades deveriam favorecer e contribuir a função matérica de gerar homens fortes que trouxessem um orgulho para a nação brasileira. Destaca-se neste contexto histórico o fato de jornal que apoiavam o jogo feminino começaram a ceder as posições dos médicos que condenavam a prática do futebol por mulheres, e, como causa, as matérias jornalísticas começaram a aderir a posição dos médicos (SALLES, SILVA E COSTA, 1998, p. 113).

Argumentava-se que o tal esporte prejudicava os órgãos de reprodução, afirmando que era grande a possibilidade de trauma causado por uma bolada ou trombada, mas esquecendo-se que os homens também têm órgãos reprodutores que devem ser protegidos dos impactos para não causar esterilidade ou outras consequências mais (FRANZINI, 2005. p. 6).

4.2O Preconceito no Futebol Feminino

O futebol é um dos esportes mais antigos do mundo, tem sua origem na Inglaterra. É praticado no mundo todo, tanto por homens, quanto mulheres, apesar de a maioria esmagadora serem homens, as mulheres tem demonstrado bastante interesse em jogá-lo. Segundo alguns jornais do início do século XX a primeira partida de futebol feminino ocorreu entre as seleções da Inglaterra e da Escócia no ano de 1895. Já em 1922, foi criada em Paris a União Esportiva Feminina Internacional a qual organizou o esporte feminino com campeonatos mundiais em algumas modalidades esportivas, inclusive o futebol feminino. Com isso, as mulheres foram se integrando aos esportes, principalmente, com a primeira participação em jogos olímpicos no ano de 1928 em Amsterdã – Holanda.

No Brasil, como já foi citado anteriormente, apesar de serem proibidos jogos de futebol feminino na época da ditadura, algumas partidas eram divulgadas na capital. Como por exemplo, o jogo em 1921 entre as senhoritas Tremembeenses e F.C, em São Paulo. Não se sabe ao certo o aparecimento das primeiras partidas de futebol feminino, já que as mesmas jogavam em campo, praias ou quadras, como as empregadas domésticas que jogavam a noite na praia no Leblon/RJ porque trabalhavam durante o dia.

Segundo Darido (2002), durante este período, eram feitos jogos realizados por diferentes boates e aconteciam jogos beneficentes, jogo entre vedetes, peladas de rua, fato que demonstra o quanto as mulheres estavam interessadas na prática desse esporte, e por ter se originado desta forma, pode ter sido um dos motivos para que houvesse manifestações de preconceito. Pessanha (2006) define preconceito; como a emissão prévia de opiniões e conceitos sem que haja uma análise mais aprofundada.

Leite (2009) afirma que estas são opiniões aceita a priori, sem exame prévio e que se tem como corretas chegando ao ponto de criar e formar atitudes favoráveis ou desfavoráveis a respeito de coisas, pessoas, povos, lugares, países, raças e religiões. Os dois autores citado acima exemplifica claramente o que é o preconceito e como de forma direta essas atitudes atingiram as mulheres. Como se não bastasse em 1941, surge o Decreto Lei nº 3.199, artigo 54 14/4/1941, o qual proibia

as mulheres de praticarem esportes incompatíveis com as condições de sua natureza.

Todavia este decreto só foi regulamentado em 1965 pelo Conselho Nacional de Desportos, o qual estabeleceu normas em relação a prática esportiva pelas mulheres, não permitindo que as mesmas praticassem lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de praia, futebol de salão, halterofilismo, beisebol e polo (MOURÃO&MOREL, 2005).

Neste período do Brasil em meados do século XX praticamente toda a sociedade masculina tinham aversão ao futebol feminino, desde pais que não deixavam as filhas jogarem a médicos que apresentavam laudos contrários a pratica do futebol alegando que este esporte poderia inutilizar as mulheres quanto a procriação, até mesmo a cidadão comuns que chegaram a escrever carta ao presidente Getúlio Vargas para proibir o futebol feminino. E assim foi feito.

Entretanto, apesar de tantos relatos preconceituosos, a proibição foi revogada na década de 80 e teve como resultado, o surgimento de vários times feminino, sendo criados campeonatos com visibilidade nacional. Sendo assim, 1981, apareceu no Rio de Janeiro o radar futebol clube, o qual começou a brilhar no cenário futebolístico nacional e internacional, realizando varias excursões para os Estados Unidos e América do Sul. O clube carioca revelou grandes jogadoras, desmitificando o fato de que o futebol era esporte só para homens. Neste mesmo ano, o futebol feminino era reconhecido como esporte no Diário Oficial da União através de uma resolução do Conselho Nacional de Desportos.

A partir da década de 80 o futebol feminino teve um crescimento abrangente, o que levou a inclusão deste esporte pela primeira vez em uma olimpíada, como aconteceu em Atlanta (EUA), em 1996. Com isso, a seleção brasileira de futebol feminino foi se destacando e conquistando vários campeonatos como o primeiro lugar nos campeonatos Sul-Americanos de 1991, 1995, 1998 e 2003, os jogos Pan-americanos de 2003 e 2007, além das medalhas de prata nos Jogos Olímpicos de 2004 e 2008 e do vice Campeonato Mundiais em 2007. Segundo Medina (2007) os Estados Unidos é o país que possui a maior quantidade de mulheres no futebol, e este numero só tende a crescer, hoje são praticamente 7 milhões de jogadoras no país.

Outro país de destaque neste cenário é a Alemanha onde apresenta em torno de 2 milhões de praticantes porém, na Alemanha o preconceito ainda persiste e é observado nas escolas, clubes, universidades, nas famílias, ou seja, em toda a sociedade. Desta forma, algumas meninas se retraem quanto a prática de futebol para não se tornarem um alvo de preconceito, pois em alguns casos, não encontram apoio familiar, de amigos e mesmo até de autoridades do governo, as quais não investem de forma adequada no futebol feminino.

Ao longo do estudo e pesquisa desta monografia atentei-me a uma pesquisa realizada por Freitas (2003) na qual ele expunha uma análise sobre os discursos de professores, alunos, pais e árbitros que organizaram e participaram da VI Copa de Futebol Infantil das escolas de João Pessoa em 2002, foram apontadas, opiniões de professores que preferiam ministrar aulas aos meninos a que as meninas. Os mesmos explicaram situações em que garotos tiveram mais facilidades no aprendizado, na disposição de material esportivo e de transporte para o local de um eventual amistoso do que as garotas. Alguns entrevistados as apontaram como frágeis, as quais não suportavam atividades com um alto índice de desgaste físico como o futebol, sugerindo assim, a prática do futsal por ser em um espaço menor.

Muitas vezes no campo ou mesmo no futebol de quadra as mulheres são alvos de piadas e brincadeiras que nada lhes agrada. Geralmente quando estão no mesmo time homens e mulheres, há uma tendência dos homens suavizar as jogadas justamente para não atropelar o time feminino. Isso é percebido em quadra ou no campo, e o que se pode notar é certo grau de violência em quadra e até mesmo no campo, no entanto, nem se compara com a violência em campo ou em quadra, sofrida pelos homens.

Segundo Freitas (2003), professores citam a violência como parte do futebol masculino, o que não seria suportado pelo feminino. Já nas famílias, o preconceito se fez presente quando alguns pais não permitiam que as filhas jogassem como é colocado também por alguns professores. De acordo com a pesquisa, alguns pais desinformados tendiam a proibir a prática do futebol das filhas, o que não era visto em escolas particulares, pois os pais dos alunos eram mais bem informados.

Como podemos observar, são inúmeras as formas de preconceito existente nas escolas e nas famílias das alunas praticante. Já que as opiniões relatadas pelos

professores, em sua maioria, eram preferencias ao treinamento do futebol para os meninos, sendo justificados de diferentes formas, no entanto, com o mesmo intuito de que menos trabalhoso ministrar aulas de futebol para os meninos. Dessa forma percebe-se que há um menor incentivo para que as meninas pratiquem o futebol, sendo assim, pode-se justificar o porquê de encontrarmos um número bem reduzido de jogadoras de futebol.

O futebol feminino não teve o apoio merecido de grande parte da mídia esportiva a qual sempre deu ênfase ao masculino e, portanto ofereceu menos incentivo para que houvesse uma continuidade e um aumento de praticante neste esporte. A mulher, no esporte em geral, foi lembrada não por seu desempenho ou conquista, mas pela sua beleza e sexualidade frente ao que a televisão e a imprensa retratam. O jogo bonito de se ver não esta relacionado ao jogo em si, nem ao aspecto estético das belas jogadas, mas as pernas das jogadoras, as saínhas e bermudas, enfim associado a imagem veiculada e vendida pela indústria cultural, determinando o padrão de beleza feminino, que confundiu a estética do jogo com a estética do corpo(BRUHNS, 2000).

A situação de prevalecer a beleza estética da mulher no futebol sobrepunha as belezas das jogadas e de todo o futebol desenvolvido por elas. Para se ter uma ideia desta dimensão basta observar o campeonato proposto pela Federação Paulista de Futebol, que realizou, em 2001 um campeonato de futebol o qual visava divulgar e impulsionar o futebol feminino. Viana (2012) relatou sua decisão, junto com outras jogadoras, de participar para que ganhasse um salario e pudesse sobreviver do futebol, já que estariam presentes ao evento diversos meios de comunicação porque o campeonato estava sendo bastante divulgado pela mídia. Todavia, o real objetivo do campeonato, não era divulgar o futebol em si, porém mostrar que as mulheres que o praticavam eram bonitas, femininas e símbolos sexuais, como ficou claramente descrito por Viana neste trecho: [...] o folder de divulgação trazia uma frase que mostrava, nitidamente, quais eram as intenções da FPF. A capa tinha uma mulher bonita segurando uma bola; era a atriz Patrícia de Sabrit convidando todas as meninas para fazer parte do “novo futebol feminino”. Por que uma atriz na capa como referencia a uma jogadora? O folder não explicava, explicitamente, o que constituía o novo futebol feminino, mas pelas imagens percebe-se que beleza estava acima do “saber jogar”.

Além disso, as imagens eram de mulheres brancas com cabelos longos. Uma delas aparecia abraçando um homem. Os ícones do folder insinuavam, de certa forma, que o objetivo era afirmar socialmente que as jogadoras de futebol sabiam jogar, eram bonitas e heterossexuais (VIANA, 2012).

O texto acima demonstra a total falta de respeito com as jogadoras, que na hora de promover o futebol feminino por elas mesmas, de repente são trocadas por uma atriz, e que em si não está promovendo o futebol, mas na verdade estão vendendo um símbolo sexual. O legado de tudo isso é que a cultura exerceu grande influência com relação ao preconceito no futebol feminino, pois delimitou desde crianças, espaços e brinquedos lúdicos específicos para meninos e para meninas.

Segundo Daolio (1997) As crianças ao nascerem, eram condicionadas, dependendo de qual era o sexo, a agir de uma forma determinada, terem certas providências. Sendo meninas ganhavam bonecas, miniaturas de utensílios domésticos; sendo meninos ganhavam carrinhos, bonecos de super-heróis.

Por consequência da cultura de que meninas deveriam ficar em casa ajudando as mães nos afazeres domésticos enquanto os meninos deveriam ficar pelas ruas correndo, pulando, jogando bola, andando de bicicleta, enfim, se divertindo, é que pode ter influenciado os meninos a desenvolverem melhor capacidade motora nos esportes.

O futebol feminino no Brasil começou a mudar de fato, a partir de 1981, quando foi institucionalizado. A partir deste período, as mulheres começam a ser vista de outra forma, pois já a apresentavam qualidades nas jogadas e domínio individual. O que se percebe é que até o fim da década de 1980, o futebol feminino apresentou elevação técnica, aumento do número de praticantes, melhoria da estrutura das competições e o surgimento de novas equipes, não só no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, dentre outras.

Ao analisarmos a década de 1990, encontramos a criação do campeonato Sul- Americano de futebol de campo, o qual a seleção brasileira conquistou o tricampeonato invicto nas três primeiras edições do torneio (1991, 1995,1998). Temos também a criação da taça Brasil de clubes de futsal feminino em 1992.

Competição que possui regularidades até os dias atuais e, mais edições do Mundial Feminino de Futebol de Campo, onde o Brasil manteve a 9ª colocação em 1995 na Suécia e conquistou a 3ª colocação em 1999 nos Estados Unidos.

A partir dos jogos olímpicos de Atlanta em 1996 o futebol feminino passou a ser uma modalidade olímpica e a seleção brasileira alcançou um ótimo aproveitamento conquistando o quarto lugar, assim, também nos jogos olímpicos de Sidney em 2000.

Porém foi a partir da olimpíada de Atlanta que o futebol feminino ganhou notoriedade, principalmente, para a mulher brasileira, que se via limitada em relação a prática de futebol. Devido a isto ocorreu uma elevação na procura do futebol feminino pela classe média e com isso a mídia, volta a se interessar pela modalidade, e novos torneios e campeonatos regionais passam a ser organizados.

Entretanto para que essas competições se tornassem viáveis para a mídia, era necessário a valorização do atributo estético das atletas. No caso do futebol masculino, a competência dos jogadores é fundamental para transformar o esporte em empreendimento comercial. Porém no futebol feminino, ao contrário dos homens, isso não é o suficiente. Os clubes em geral exigem que as mulheres além de saber jogar bola, elas tem que ser bonita.

Infelizmente é desse modo que é tratado o futebol das mulheres, muitos não as respeitam, outras as criticam e muito pouco aplaudem os seus talentos individuais ou em grupos. O futebol provocou e ainda prova estigmas de difícil aceitação, pois não é incomum ouvirmos pessoas ou até mesmo a televisão dizer que tal atleta possui mais características masculinas do que femininas, quando não são chamadas de lésbicas ou sapatões. É sabido que predominantemente masculinos, quebrando paradigmas contra sua discriminação, entretanto não é o esporte que da origem ao homossexualismo, mas a sociedade que da origem a homossexualidade no esporte.

Foram muitas as tentativas de denigrir a imagem da mulher, inclusive jornalistas, pois muitos profissionais do radio ou da televisão daquela época se colocavam contra a existência do futebol feminino, por isso alguns deles publicavam reportagens discutindo as possíveis opções sexuais das jogadoras.

3.3 Falta de Oportunidades para o treinamento

Muitas das vezes quando o professor de educação física prefere treinar os meninos, que as meninas, estão levando pelo lado pessoal. Para se ter um ideia dessa situação, Daolio (1995, p. 106), afirma que quando professores criam condições para que alunas não treinem, alegando violência ou falta de habilidade, eles acabam inviabilizando que meninos e meninas tenham “ as mesmas oportunidades de prática e desenvolvimento de suas capacidades motoras”. Essa realidade acaba prejudicando mais as meninas que necessitam de ajuda para trabalhar as dificuldades encontradas na pratica do futebol. Além dos treinos individuais por sexo muitos professores tem o hábito de realizar os treinos mistos. Alguns dos que realizam essa pratica acabam confirmando que o treino misto é uma possibilidade das meninas jogarem com pessoas que jogam melhor do que elas. Com isso, muitos professores terminam reproduzindo o discurso da superioridade masculina quando falam sobre a pratica do treino misto.

Para Daolio (1995, p.100), “nem todas as meninas são inábeis, nem todos os meninos são hábeis”. “Existe uma enorme gradação entre o mais hábil e o menos hábil, tanto para meninas quanto para meninos”. Segundo o autor, é fundamental que os professores e as professoras compreendam que, na maioria das vezes, as diferenças de ordem motora não são naturais, ou seja, determinadas biologicamente. Pelo contrário, elas são construídas no universo da cultura, portanto superáveis.

Como percebemos as diferenças no futebol é uma questão de tempo. Dentro em breve a mulher de acordo com as suas características físicas sociais e profissionais, estarão jogando e disputando grandes campeonatos tanto no Brasil como no exterior, inclusive muito mais vultosos em dinheiro, divulgação, notoriedade, habilidade e respeito. Porém ainda hoje é importante registrar que não existe aceitação passiva das meninas as imposições e discriminações a que estão submetidas. Isso significa que o processo de reprodução da dominação masculina não acontece sem que haja resistência a ele. A realidade vivenciada pelas meninas que jogam futebol revela que a luta histórica pelos “gramados”. Acontece de acordo com Bordieu (1983, p.89), “entre o novo [a mulher]que esta entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante [o homem] que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência”, por acreditar no “campo” futebolístico com um lugar de

expressão da masculinidade. Compreende-se que dessa forma o homem por si, é um ser egoísta e prepotente, que demonstra medo e aversão as jogadoras femininas. Como se, só isso não bastasse; ele as desrespeitam e as discriminam dizendo com isso, que são os melhores.

Embora o futebol seja conteúdo curricular da educação física e esteja presente em diversos momentos na escola, normalmente com os meninos a frente, não é tratado a partir de um olhar crítico pedagógico de gênero por muitos professores. No âmbito da disciplina, muitos profissionais não consideram a equidade como princípio base da intervenção pedagógica. O equilíbrio entre homens e mulheres no futebol possibilitaria que as meninas não ficassem as margens da prática futebolística, pois na escola o futebol também se impõe como um campo masculino. Assim, a falta de acesso e oportunidade, aliada a mitos, particularmente, ao mito da fragilidade, acaba contribuindo para o interesse das meninas pelo futebol. Muito embora que elas querem jogar, e se possível de igual para igual com os meninos. Muitas vezes é comum meninas marcando jogos, com os meninos em turnos diferente das aulas deles, isso é marcante, pois hoje em dia elas buscam por uma identidade nacional em relação ao futebol.

Em todo país a maioria das jogadoras espelham em atletas da seleção, como Marta, por exemplo, que conseguiu quebrar esse tabu, jogar no exterior, disputar campeonatos mundiais, e ser por cinco vezes a melhor jogadora do mundo. São essas situações que não as fazem desistir. Apesar de tudo a mulher sempre foi muito inferiorizada, no entanto, ela desenvolve muito bem. O desenvolvimento delas com o futebol tem sido gradativo, e percebido pela grande massa brasileira. Mesmo que muitos não gostem de assistir, ou vê-las jogando em campeonatos regionais ou estaduais, mas a concepção sobre este esporte vem mudando.

Outra situação importante aqui citada é o que diz Nobrega (2003, p. 181). Pode-se dizer que, a partir da adolescência, as meninas iniciam o processo de submissão “a perfeição física, sobretudo aos modelos veiculados pela mídia”. Ou seja, a mulher, sabendo que o futebol traz benefício físico, ela também explora este lado, para tentar se dar melhor na sociedade. Embora a luta dessas meninas sirva como exemplo das conquistas femininas no espaço da educação física e esporte em geral. Toscano (2000) registra que, de forma abrangente, meninos tem mais espaço do que as meninas, tanto no intervalo, quanto na hora do recreio, nas aulas de educação física ou de iniciação esportiva.

Muitos professores afirmam que o futebol feminino na escola, é mais uma festa, e que os meninos tem um lado mais profissional e competitivo. É interessante perceber essa percepção de alguns professores, porque só assim entendemos porque que alguns professores não levam muito a sério o treino das meninas. Pois eles dizem os meninos vão para jogar bola, e as meninas vão para brincar dentro da quadra, como se fosse mais uma atividade lúdica que elas estavam desempenhando.

Talvez a ideia de lúdico e da festa sirva para chamar atenção para a necessidade de se entender que o esporte na escola impõe o grande desafio de resgatar valores como: o coletivismo, ao invés do individualismo, a solidariedade, o respeito humano e a compreensão de que o jogo acontece com o companheiro, não contra o adversário. É preciso que os alunos vejam o adversário não como um inimigo a ser combatido, mas como alguém sem o qual o jogo não se realiza, ou seja, é imprescindível que haja um conjunto de ações respeitadas entre ambos para que se traduza em jogo a ser de fato disputado. De forma geral as mulheres vêm lutando pelo seu espaço na conquista da sua idoneidade.

E para que de fato se concretize estas mudanças, algumas atitudes hoje tem que ser tomadas, como por exemplo: procurar empreender a busca de alternativas viáveis para que as meninas exerçam seu direito de jogar; fazer um trabalho em conjunto com a família e com a comunidade visando romper ou diminuir os preconceitos existentes e mitos relativos a prática de futebol por meninas; estabelecer parcerias com clubes e entidades para que as meninas e meninos tenham o mínimo de conhecimento e intimidade com este esporte; e repensar a formação inicial e continuada dos professores de educação física, no sentido de desnaturalizar a concepção do corpo feminino como corpo maternal, belo e frágil.

Seguindo estas atitudes e concepções espera-se que o futebol feminino cresça, desenvolva e apareça muito mais.

3.4 A Escola como Espaço para a Diminuição do Preconceito no Futebol

O ambiente escolar, desde muito cedo, produziu distinções e desigualdade, a escola se incumbiu de separar os sujeitos através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. Na concepção e entendimento de alguns autores, a escola, em seu cotidiano, como instituição detentora das funções

educacionais produz e reproduz ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino (PEREIRA, 2004). Já Altman (1998 apud DARIDO, 2002) ressalta que o esporte como expressão da masculinidade varia de acordo com a modalidade, e na escola o futebol é considerado o mais masculino dos esportes.

A escola como sabemos, serve para ensinar conteúdos e habilidades necessárias a participação do indivíduo na sociedade. A escola então, é fundamental para a formação da cidadania. Por isso, nenhuma criança ou adolescente, ou até mesmo o adulto pode ficar excluída de seus benefícios. Portanto, é na escola que os estereótipos deturpados deverão ser combatidos e levados a uma equidade entre ambos os sexos. Os estereótipos biológicos que tinham por base uma análise anatomofisiológica e sempre colocavam os atletas homens com maiores possibilidade de sucesso, acabaram reforçando preconceitos e, num primeiro momento dificultando a jornada das mulheres pelos mundos dos esportes (SIMÕES, 2003,).

Louro (2007) Nos lembra que, a constituição da identidade de gêneros muitas das vezes são feitas por meios implícitos. Todavia, ainda que várias escolas e professores venham trabalhando em regime de coeducação, a educação física parece ser área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações de novas teorizações.

A construção das imagens de feminilidade aparece inserida na educação física em diferentes espaços e tempos, formas e estratégias diversas tais imagens fazem parte de um contexto sócio cultural para o qual os papéis masculinos e femininos estão designados. De modo geral, o esporte e a educação física tem sido campos férteis de reprodução do sexismo e do machismo. Não é recente o fato de que as mulheres se esforçam e enfrentam desafios para se firmar num campo marcadamente androcêntrico, ou seja, o esporte global. Culturalmente, o esporte tem se apresentado como uma prática onde a masculinidade se comprova, na qual se aprende a valorizar o homem e a desvalorizar a mulher (LESSA, 2005). Desse modo, a igualdade desejada nas aulas de educação física não deve ser uma comparação entre meninos e meninas; o importante nesse processo é valorizar a

diferença e a contribuição individual para todos os meninos e meninas, ao invés de estes sentirem-se desafiados. E nessa hora que um bom professor de educação física faz a diferença, pois quando o professor apoia seus alunos, estimula, incentiva, promove e acolhe; ele está efetivamente fazendo à prática inclusiva a educação.

Sendo assim, cabe ao professor de educação física o reconhecimento de que a escola é um local evidente da construção social do masculino e feminino. Não se pode perder de vista que os alunos estão inseridos numa cultura, trazem suas vivências próprias e são regidos por uma organização política e social. Isso cria a necessidade de olhar para a educação física como uma disciplina comprometida com o desenvolvimento da consciência crítica, capaz de estabelecer um canal para o desvelamento da realidade mediante a problematização das ações cotidianas do esporte, por exemplo, dos valores presente na mídia em relação a educação física e saúde, ética, etc.

Esse é o papel do professor e da escola, estimular seus alunos as mais variadas aptidões, sejam físicas ou psíquicas, o importante é que todos façam parte deste processo como o futebol, que é uma das modalidades mais populares do mundo, ainda impera a masculinidade, fruto das discriminações de desrespeito com a mulher, portanto é tarefa da educação física quebrar o estigma que aprisiona as jogadoras de futebol em representações depreciativas, como a de “Maria chuteira”. Os desafios a serem vencidos pelas mulheres estão também em aspectos técnicos, os campeonatos regionais são poucos, não há eventos de porte nacional, nem números consideráveis de mulheres nas comissões técnicas dos clubes de futebol feminino, nem nas entidades que regem o esporte.

Para que isso venha de fato sofrer mudanças, deve-se buscar nas escolas, com os professores de educação física e sociedade, a importância dessa modalidade, pois a prática de futebol na escola para meninas é uma maneira de iniciar uma nova visão, um novo pensamento. Trabalhar com elas para que o futebol seja uma atividade como as outras tantas nas aulas, incentivando a sua prática e rompendo com preconceitos revelados por algumas meninas. Não devemos esquecer de que os meninos também devem participar nesse processo, permitindo a

introdução das meninas ao futebol e não disseminando preconceitos que prejudiquem tal evolução.

Quando se fala em romper preconceito, o problema vai além da escola, esta presente dentro das famílias, com os pais. Estes educam seus filhos para certas atividades, o que vestir com quem e por onde andar. É preciso promover a participação dos pais juntamente com os filhos, mostrando que o futebol é uma atividade que qualquer pessoa pode jogar, sendo elas homens ou mulheres.

Fazer com que o ambiente escolar, principalmente, as aulas de educação física, vá além da escola e do aluno, talvez isso promova grandes evoluções no futebol como um todo.

CONCLUSÃO

O presente estudo proporcionou um levantamento de dados e enfoques que se traduziam em conhecimento para toda uma vida. E falar sobre o futebol no Brasil é fácil, já que somos o país do futebol, como é dito a muito tempo. Entretanto, comentar sobre o futebol feminino ai, a situação já complica. Pois ao longo dos tempos, desde as primeiras partidas a partir da década de 1920, a mulher já era alvo e preconceito e discriminação, os homens sempre alegavam que futebol era uma esporte essencialmente masculino, e que as mulheres deveriam cuidar das atribuições da casa e procriar.

Essa era a concepção dos machistas do passado, não quer hoje, o futebol feminino esta mil maravilha, a questão é, hoje em dia vários tabus foram quebrados e paradigmas foram reelaborado com relação a mulher.

Porem anda há certa rejeição do papel da mulher neste cenário. O objetivo de nosso trabalho foi demonstrar o quanto este preconceito, discriminou a mulher, a ponto de o futebol feminino, ainda não estar evoluído como deveria. Baseou-se em fator e discussão o papel hoje em dia primordial do professor de educação física, que num passado recente, também as coisas mudaram o país evolui e as mulheres jogadoras no Brasil, são cotadas internacionalmente. E relevante o papel do professor de educação física e, sobretudo a escola que é o espaço propicio para que essas barreiras sejam quebradas. Enfim, as mulheres foram guerreiras. Impuseram sua força, seu carinho e conseguiu o respeito, e o futebol feminino passar por momentos de transição no cenário nacional e internacional, e isso graças ao espirito guerreiro dessas mulheres brasileiras.

REFERÊNCIAS

- BRUHNS, Heloisa T. **Futebol, Carnaval e Capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas - SP: Papirus, 2000.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAPINUSSU, Jose Mauricio. **Competição desportivas: organização e esquemas**; edição orientada pelos professores Manoel Jose Gomes Tubino, Cláudio de Macedo Reis. – São Paulo, 1985.
- DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. Editora da UNICAMP, Campinas – SP, 1997.
- DARIDO, S. C. **Futebol Feminino no Brasil: Do seu início à Prática Pedagógica**. Rev. Motriz, vol. 8, n. 2, p. 43-49, abr./agost. 2002.
- FRANZINI, F. (2005) **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Rev. Bras. Hist. vol.25 no.50 São Paulo July/Dec. 2005.
- FILHO, Lino Castellani. **A educação física no sistema educacional brasileiro percurso, paradoxos e perspectivas**. Universidade Federal de Campinas Faculdade de Educação. Campinas, 1999.
- FREITAS, L. L. **Futebol feminino: análise dos discursos dos sujeitos envolvidos em uma competição infantil entre escolas públicas em João Pessoa, PB**. UFPB, João Pessoa, 2003.
- LEITE, G. **O que é Preconceito?** Disponível em: administradores.com.br. Acesso em: 19, maio.2015.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- MEDINA, J. P. **Futebol e os números: O futebol como agente de transformação social**. Disponível em: cidadedofutebol.com.br. Acesso em: 20, maio. 2015.
- MELO, Victor Andrade de. **História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. – São Paulo: IBRAA, 1999. MOURÃO, L. e MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. Rev. Bras. Cienc. Esporte, vol. 26, n. 2, p. 73-86, Campinas, jan. 2005.
- MOURÃO, L. **A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50**. In: VOTRÉ, S.J. (org.). **A Representação Social da Mulher na Educação Física e no Esporte**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.

- MOURÃO, L. & VOTRÉ, S.J. **Esporte e inclusão – Mulheres.** In: COSTA, L.P. **Atlas do Esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005.
- MOREL, M. & SALLES, J.G..C. **Futebol Feminino.** In: COSTA, L.P. **Atlas do Esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005.
- NÓBREGA, T. P. da. **Corpo, gênero e educação: apontamentos para uma agenda social e política do corpo.** In: **Gênero e Educação: múltiplas faces.** João Pessoa: Ed. Universitária, 2003.
- PEREIRA, L. E. **Mulher e esporte. Um estudo sobre a influência dos agentes de socialização** em atletas universitárias. Dissertação (Mestrado em Educação Física). USP, 1984.
- PESSANHA, R. M. **Preconceito.** Folha da Manhã, Junho 2006.
- SALLES, J.G.C.; SILVA, M.C.P. & COSTA, M.M. **“Mulher e o futebol: significados históricos”.** In: VOTRÉ, S.J. (org.). **A Representação Social da Mulher na Educação Física e no Esporte.** Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.
- SIMÕES, Renata Duarte. **Gênero na Educação Física: a emergência de um conceito.** In: XIII CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003, Caxambu - MG. Anais do XIII CONBRACE, 2003.
- TOSCANO, M. **Estereótipos sexuais na educação: um manual para o educador.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- VIANA, A. E. S. **As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?** Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000873274>. Acesso em: 20, maio. 2015.
- VOSER, Rogério da Cunha. **O Futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica.** – Porto Alegre: Artmed, 2002.